

Fernand Braudel, geohistória e longa duração: críticas e virtudes de um projeto historiográfico

Guilherme Maximiano Ferreira Santos
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
guilhermemax@icloud.com

A obra intitulada “*Fernand Braudel, geohistória e longa duração: críticas e virtudes de um projeto historiográfico*” é fruto da defesa de tese doutoral do Prof^o. Dr^o. Guilherme da Silva Ribeiro, realizada pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2008. Atualmente, Guilherme Ribeiro é professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), onde atua na graduação e na pós-graduação em Geografia, com foco na Geografia Humana e Epistemologia da Geografia. A tese foi publicada na forma de livro no início do ano de 2017 pela editora Annablume.

A trajetória acadêmica de Ribeiro, principalmente quando voltada aos estudos do pensamento do historiador francês Fernand Braudel, não é recente. Já trabalhou com diversas traduções de pensadores da geografia francesa, como Paul Vidal de La Blache¹, este geógrafo dito um importante influenciador de Fernand Braudel (Lira, 2008), bem como com a tradução de artigos escritos propriamente por Fernand Braudel, como “*Géohistoire: la Société, l’espace et le temps*” (Ribeiro, 2015). Sendo assim, o autor apresenta uma familiaridade com os estudos da Geohistória e da Epistemologia da Geografia.

O que de fato diferencia a produção aqui resenhada das demais é propriamente seu método de análise, que vai bem além da descrição de um autor e suas obras². Ribeiro penetra nas camadas mais profundas do pensamento de Braudel, com a intenção de investigar as contribuições da Geografia sobre o projeto historiográfico do historiador francês. Para isso, o estudioso se baseia principalmente na análise das principais obras de Braudel, tais como: *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico de Felipe II* (primeira edição de 1949 e segunda edição de 1969); *Civilização Material, Economia e o Capitalismo: século XVI-XVII* (1967); *Escritos sobre História* (1969); *Gramática das Civilizações* (1963); *A identidade da França* (1989), entre outras.

¹ COSTA, Rogério H. da; PEREIRA, Sergio Nunes; RIBEIRO, Guilherme. Vidal, vidais: textos de geografia humana, regional e política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

² Paul Claval adverte no prefácio do livro: “O presente livro vai bem além da evocação de um homem e de sua obra: ele esclarece o movimento das ciências sociais – geografia e história em particular – em um período crucial de sua trajetória quando, após décadas de caminhos paralelos, os pesquisadores descobrem, na esteira de Braudel, a fecundidade da interdisciplinaridade” (Claval in Ribeiro, 2017, p. 17).

O livro desenrola-se tendo como perspectiva metodológica uma reconstituição crítica das principais contribuições de Fernand Braudel para a História e para a Geografia, colocando em evidência o pensamento braudeliano enquanto alternativa às tradicionais concepções de história e geografia que lhe são contemporâneas, sobre o tempo e sobre o espaço. Diante da importante transição dos estudos nas ciências humanas ocorrida na virada do século XIX para o XX, a História e Geografia presenciaram um salto epistemológico no modo de se fazer e de se pensar. É a partir dessa conjuntura que Ribeiro busca trazer à tona a autenticidade da elaboração de Braudel no que tange à uma nova concepção espaço-temporal, resultando nas elaborações do conceito de longa duração e da abertura de um novo campo de pesquisa e estudos denominado de geohistória.

Ambas as contribuições são desenvolvidas por Braudel em seu primeiro grande trabalho: sua tese, *O Mediterrâneo (...)*, conforme já apresentada. Essa célebre contribuição epistemológica à historiografia do século XX foi um divisor de águas na trajetória de Braudel, pois permitiu a abertura de novas perspectivas. Pensar a questão da temporalidade na História e a superação de um “tradicionalismo geográfico”³ dos séculos XIX e XX são temas tratados por Ribeiro como fontes da inovação ao historiador francês, uma vez que a Geografia neste período cooptava uma descrição física do espaço negligenciando uma possível teorização, a qual Lacoste (1993) assinala enquanto uma “estranha carência epistemológica” para a área.

Destaca-se na obra de Braudel a forte influência da geografia de Paul Vidal de La Blache sobre os estudos da relação entre sociedade e meio, mas também o “aporte germânico articulador de 3 conceitos chave: espaço (*Raum*), economia (*Wirtschaft*) e sociedade (*Gesellschaft*)” (Ribeiro, 2017, p. 29), que fazem parte da formação de sua concepção de geohistória. Essencialmente, a geohistória braudeliana emerge diante de uma crise narrativa pela História e da crise da Geografia descritiva, na virada do século XIX ao XX. Portanto, o argumento principal deste livro é que a construção do pensamento teórico e historiográfico de Braudel teve como objetivo entrelaçar duas grandes áreas das ciências humanas e sociais, e colocar em evidência um novo procedimento metodológico, no sentido de compreender as

³ “Face ao tradicionalismo historiográfico, a Geografia era a porta de entrada para pensar não somente os homens, mas as associações destes com o ambiente, em termo históricos. Porém, segundo ele [Braudel], havia também um tradicionalismo geográfico que teimava em sobreviver e impedia o desenvolvimento de uma disciplina ávida por renovação, por deixar para trás um passado caracterizado pelas narrativas exóticas de viagem e pela mera exposição de componentes da superfície terrestre” (Ribeiro, 2017, p. 28).

diversas estruturas das sociedades formadas no espaço. Ademais, esse procedimento romperia com uma visão de tempo que teria como base a ideia de cronologia.

A estrutura do livro é dividida em três partes⁴ intituladas como seguem, respectivamente: “Formação”, “Consagração” e “Crepúsculo”. A parte I é formada pelos capítulos 1 (“O conceito de geohistória: origens e matrizes epistemológicas”), capítulo 2 (“O determinismo geohistórico de longa duração em O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II (1949 e 1966)”), e capítulo 3 (“Controvérsias historiográficas: o Mediterrâneo e a concepção braudeliana de História”). Na segunda parte, sucedem-se o capítulo 4 (“Os efeitos políticos da longa duração e a geohistória das civilizações”) e o capítulo 5 (“A história do espaço moderno: Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII (1967 e 1979)”); Por fim, o livro é encerrado na terceira parte com o capítulo 6 (“Sobre o manto da longa duração: a identidade nacional francesa”) e com o capítulo 7 (“A geografia como política territorial). Como pode-se observar, a análise de Ribeiro parte da Geografia e faz a trajetória acadêmica de Braudel convergir a seus efeitos particulares sobre a mesma disciplina.

Podemos considerar a primeira parte como a demonstração do momento de formação do conceito da geohistória e de sua concepção de tempo, seção em que Ribeiro também aproveita para realizar uma investigação sobre a estrutura do pensamento braudeliano. O autor busca traçar as possíveis complementaridades ou divergências entre a Geografia e a nova orientação de método proposta⁵. Braudel não buscaria apenas superar o que Ribeiro entende como um paradigma de Lucien Febvre para a Geografia⁶, como também a própria noção de tempo então vigente: “a história é também meio geográfico e sociedade, e não apenas política e biografia” (Ribeiro, 2017, p. 50).

Para além das trocas disciplinares intelectuais, é no próprio espaço geográfico do mar Mediterrâneo que Fernand Braudel agarraria uma clara oportunidade de colocar em prática a sua concepção geohistórica: “Braudel apresenta o mar Mediterrâneo como a possibilidade de destacar com vigor os nexos permanentes que unem a história ao espaço” (Ribeiro, 2017,

⁴ A Parte I é composta por 64 páginas, parte II, por 56 páginas e a parte III é formada por 38 páginas.

⁵ Segundo Ribeiro, uma tensão fica mais evidente entre Fernand Braudel e Lucien Febvre quando Braudel busca superar a noção do último em relação à uma geografia como mera análise do meio físico. Em outras palavras, Braudel evocava a geografia física em suas obras mas o fazia para explicar a condição humana do espaço.

⁶ Isso fica claro quando Braudel assume que: “meio não é somente a reunião das feições naturais, mas uma unidade concomitantemente física e humana” (Ribeiro, 2017, p. 67).

50)⁷. Concomitantemente, é nos conceitos de longa duração que Braudel transpôs para a História as permanências do meio, assim como realiza um belo exercício de conceitualização de “planície” e “montanha” como um díptico paradigmático da construção societal no Mediterrâneo. Retomando novamente a perspectiva teórica, Ribeiro defende que, quando o evento histórico se sobrepõe à longa duração, torna-se possível compreender suas estruturas mais profundas, sua vocação para mudança, convergindo para sua identidade e significado histórico. Ou seja, é pela longa duração que visualizamos o impacto dos acontecimentos.

Ainda assim, o desenvolvimento do conceito de longa duração, para Ribeiro, caiu à Braudel como uma ferramenta de esquiwa para se posicionar politicamente diante de alguns eventos históricos, dado que o conceito de longa duração está relacionado a uma estratégia de evitar o tempo curto e uma contemplação da história de longe (Ribeiro, 2017)⁸.

Assim, a história pode ser avaliada pelos espaços, de forma que é importante, ademais, que este seja entendido como uma dimensão das ações humanas no tempo longo, e, ainda, é por meio da categoria de técnica que evidenciamos a transformação de sua estrutura⁹. A relação entre o meio e o ser humano através da técnica tornar-se-ia tanto mais rígida quanto mais fluida a depender de circunstâncias espaciais, históricas e sociais. A partir dessa concepção, o que seria o determinismo geo-histórico citado na primeira edição de *O Mediterrâneo*? Essa questão, Ribeiro elege como enigmática e é respondida como segue:

“O determinismo geográfico braudeliano não é outra coisa senão a evidência que os aspectos naturais não estão separados e isolados das atividades humanas. Eles fazem parte de um todo onde o clima, o relevo, a hidrografia, o sítio e a posição jogam papel crucial na história das sociedades” (Ribeiro, 2017, p. 67).

Ou seja, tratar-se-ia de um determinismo geográfico atenuado?

⁷ O desenho de sua obra sobre o Mediterrâneo era um ato de rebeldia sinalizado por Ribeiro: “anunciar uma história imóvel e quase fora do tempo; revestir a geografia de um significado que ia além da tradicional introdução à história; historicizar o meio ambiente; estudar a rede tecida pelas sociedades, civilizações, econômicas e Estados e ver a história acontecimental como um perigo representava no mínimo, uma intolerável exibição de rebeldia” (Ribeiro, 2017, p. 50).

⁸ Ribeiro se posiciona diante da neutralidade política de Braudel: “Enfim, ao pregar a neutralidade do trabalho científico, o primado a *longue durée* e sustentar que a história faz os homens mais que os homens fazem a história, a concepção braudeliana exprime uma posição política de conformismo frente às mazelas da vida social. Tolerante com o capitalismo, pretende dividir as responsabilidades pelo colonialismo e minimizar o papel explorador da Europa na eclosão da revolução industrial. É possível pensar que estes aspectos afastaram muitos intelectuais que até poderiam manter certa admiração por suas ideias, mas não consentiam com suas consequências políticas” (Ribeiro, 2017, p. 103).

⁹ O exercício da técnica é bem esboçado pelo geógrafo brasileiro Milton Santos em sua obra “*Sociedade e Espaço: formação espacial como teoria e como método*” (1977) de forma que análise braudeliana pode ter convergido a análises contemporâneas da geografia.

Na segunda e terceira partes do livro, observa-se a análise intelectual de três grandes obras¹⁰ do historiador, bem como o caráter político delas. Ambas as partes possuem uma unidade, a partir das quais podemos compreender que Ribeiro trabalhou com três categorias basilares de Braudel: “análise teórica e empírica do conceito de *longue durée*; apreensão da história total; superação do espaço regional pela escala mundial” (Ribeiro, 2017, p. 91). Será também o momento do intérprete de Braudel partir para a análise dessas noções no processo de constituição das civilizações segundo o historiador. A partir da leitura dos três volumes de *Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV-XVIII* (1967), Ribeiro atribuiu a Braudel a noção de que as ações sociais e coletivas transformam a civilização, projetam formas no espaço que interferem na totalidade de sua estrutura. Aqui, vê-se Braudel distanciar-se cada vez mais de uma visão clássica da Geografia e notadamente da noção de meio geográfico.

Na terceira e última parte, Ribeiro argumenta que os momentos finais da trajetória de Braudel são aqueles em que o vemos colocar-se diante de um contexto intelectual e acentuadamente mais político, quando elabora a inacabada obra “A identidade da França” (1986). Braudel teria se visto diante da necessidade de posicionar-se sobre os temas mais candentes, como da exploração capitalista e do colonialismo.

Podemos concluir que Ribeiro não parece querer confortar os críticos de Braudel sobre o excesso de estruturalismo contido em sua geohistória, crítica que veio na terceira geração da escola dos *Annales* (Dosse, 2004). Ao contrário, o autor propõe-se a penetrar na estrutura mais profunda do raciocínio braudeliiano, investigando críticas e virtudes, mas, sobretudo, aferindo a superioridade das virtudes sobre as críticas. Guilherme Ribeiro realiza o movimento de salientar a “virtude” e profundidade da associação da História com a Geografia, conforme proposto por Braudel, com intuito de exibir seu caráter de vanguarda para as ciências humanas e sociais no que tange a seus aspectos metodológicos e epistemológicos.

Sua obra é um verdadeiro convite a estudiosos da área da História, da Geografia e das ciências humanas e sociais, que busquem compreender o significado das transformações intelectuais das ciências humanas na virada do século XIX para o XX. Sobretudo, para aqueles que buscam compreender os processos de transformação das sociedades ao longo do

¹⁰ *Escritos sobre história* (1969); *Gramática das civilizações* (1963) e *Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV-XVIII* (1967).

tempo, e tendo como ponto de partida relações dessas sociedades com os elementos do meio geográfico e do espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOSSE, François. *História e ciência sociais*. Bauru: edusc. 2004.

LACOSTE, Yves. *A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Tradução Maria Cecília França. - 3ªed. – Campinas, SP: Papirus, 1993.

LIRA, L. A. *Fernand Braudel e Vidal de La Blache : Geohistória e História da Geografia. Confins* [En ligne], 2 | 2008, mis en ligne le 28 mars 2009, consulté le 03 juin 2021. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/confins/2592>>; DOI: <<https://doi.org/10.4000/confins.2592>>. Acesso em 31 mai. 2021.

RIBEIRO, Guilherme. *Fernand Braudel, geohistória e longa duração: críticas e virtudes de um projeto historiográfico*. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2017.

SANTOS, Milton. *Sociedade e Espaço: formação espacial como teoria e como método*. Antípode, nº 1, vol. 9, jan./fev. de 1977.